

Saudade do Grande Professor Rosenberg

Ivo Alberto Soares de Camargo*

É difícil fazer o necrológio de um grande professor e meu especial amigo, o professor Rosenberg. Faço-o contristado, mas prestado ao grande amigo e emérito professor uma justa homenagem.

Todos que lerem este texto saberão o porquê do título ao termino do mesmo. É difícil, a caneta desliza com dificuldade, mas o senhor sabia melhor do que ninguém o meu respeito e a minha admiração pela sua pessoa.

Neste momento o professor Rosenberg, o grande expoente da tísio-pneumologia, nos deixa, abre-se uma lacuna e há muita dificuldade em preenchê-la.

O professor Rosenberg proferiu sua primeira aula universitária como livre docente da faculdade de medicina, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professor da Faculdade de Medicina de Sorocaba e aqui proferiu a sua primeira aula em 27 de março de 1955. Foi diretor da nossa querida e amada faculdade durante 13 anos. Foi membro do conselho universitário por 18 anos. Era o docente mais antigo da nossa escola, onde compareceu até junho p.p. durante 50 anos. Suas duas grandes vertentes de trabalho foram a luta anti-tabágica e a tuberculose. Nestas áreas publicou 204 trabalhos e 12 livros.

Teve obras laureadas pela Academia Nacional de Medicina e Associação Paulista de Medicina. Foi agraciado pelo governo francês com a comenda Palme Academique, governo de Charles de Gaulle, pelos seus estudos sobre a vacina B.C.G. na tuberculose e hanseníase. A O.M.S. conferiu-lhe a medalha Tabaco e Saúde, pela sua luta contra o tabagismo. A câmara municipal de São Paulo conferiu-lhe o título de cidadão paulista. A câmara municipal de Sorocaba conferiu-lhe também o título de cidadão sorocabano.

O professor Rosenberg é citado na grande enciclopédia Larousse Cultural e na enciclopédia Delta Larousse.

Dizia sempre o nosso grande mestre, modestamente, que todos esses frutos foram colhidos

com mais transpiração que inspiração, do qual sempre discordamos.

O meu amigo e mestre Rosenberg tinha frases geniais e lembro-me que ele em uma de suas palestras, dizia que os Cesares romanos morriam em pé. Doentes no leito exigiam ser levantados para morrer. O professor Rosenberg, apesar de acamado por 5 a 6 meses, morreu de pé.

Há duas situações nesses longos anos de amizade e “cumplicidade” que tocaram fundo meu coração. De certa feita, viajando em sua companhia em um vôo Lufthansa para Berlim com escala em Frankfurt, ao amanhecer do dia e já na aeronave, ao ser servido o café da manhã, o professor Rosenberg cumprimentou-me e para minha surpresa disse-me: “Ivo, doravante não quero mais ser chamado de professor e senhor, combinado?”. Imediatamente respondi: “professor Rosenberg, não vai ser possível, e continuei chamando-o de professor e senhor”.

No dia 06 de outubro p.p. o mestre ligou-me pela última vez, cumprimentando-me pelo meu aniversário e dizendo que pretendia voltar ao trabalho em 30 dias. Em 24 de novembro p.p. o telefonema fatídico com a notícia de sua morte.

Foi um golpe rude e lembro-me com freqüência da citação de Menotti Del Pichia; este autor quando viajava pelo interior quis saber de um cabloco brasileiro o que significava a palavra saudade. O cabloco pensou e respondeu: “vosmecê quer saber mesmo? Saudade é a vontade de ver de novo”.

Está explicando o título do meu texto: “saudade do grande mestre professor Rosenberg”.

Parafrazeando o grande poeta Álvares de Azevedo, consumido precocemente pela tuberculose, modifico a frase deixada no seu túmulo, para a seguinte, que deve ser lápide do professor Rosenberg: descansem o meu leito solitário/ na floresta dos homens esquecida/ à sombra de uma cruz, nela escreveram/ foi médico, professor (Faculdade de Medicina de Sorocaba), sonhou, e amou a vida.